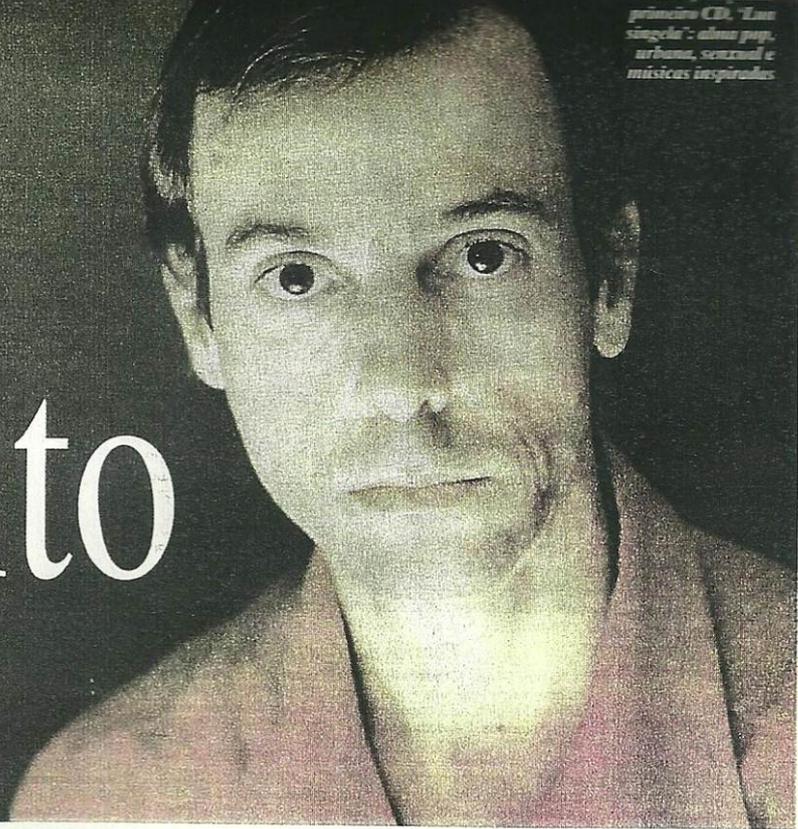


Luis Capucho, 42 anos, lançou seu primeiro CD, 'Lua singela', alma pop, urbana, sensual e músicas inspiradas

Com cara e jeito de maldito



Autor do romance cult 'Cinema Orly', Luis Capucho faz uma bela estréia em CD com 'Lua singela'

Sandro Lobo

Na voz gutural e assombrosa de um sobrevivente urbano e na sonoridade suja de guitarras – tudo arranhando hipnoticamente o ouvido – a música brasileira acaba de ganhar as mais inspiradas letras pop dos últimos anos. Quem já conhecia Luis Capucho de *Cinema Orly*, seu primeiro livro – logo transformado em literatura cult, muito pelo seu teor de lassidão moral, algo Genet – provavelmente não vai se chocar com o que ele canta em seu CD, *Lua singela* (Astronauta Discos).

No entanto, pode tomar um susto se espera encontrar apenas a candura que encantou Cássia Eller em *Maluca* ("Num dia triste de chuva/ foi minha irmã quem me chamou pra ver/ Era um caminhão carregado de botões de rosa") e a levou a gravar a canção em seu álbum *Com você... meu mundo ficaria completo*. Um baita susto – mas positivo.

No balalaio do Capucho tem de tudo. E é tão deliciosa a unidade estética, apesar da diversidade de temas, que é preciso ficar transcrevendo alguns achados. *Lua singela*, faixa de abertura deste CD de estréia do rapaz, diz coisas assim: "Eu gosto daqueles que são maiores/ Que me parecem ter mais suco.../Eu estou morto de fo-

me/ Vocês estão muito mais lindos/ pelas ruas da cidade/ Subindo pros apartamentos".

E o sujeito que canta isso, certamente diria também que "Uma mulher me lembra a língua sempre/ uma mulher que sempre atinge o ponto máximo/ Essa mulher existe/ usurpação da mulher", como ocorre em *Ponto máximo*, que tem uma ótima programação eletrônica sustentando a letra enigmática. O camarada de Niterói, aos 42 anos, com boas idéias e a companhia de gente interessante como a agitadora Mathilda Kóvacs, Suely Mesquita, o cantor Marcos Sacramento e, sobretudo, o produtor Paulo Baiano, conseguiu dar forma e vazão ao seu talento.

Identidades - Que o Luis Capucho é gay todo mundo que leu seu romance sabe. Gay sem estereótipo, com problema de afirmação da imagem de macho que queria ter, mas sobretudo muito corajoso, ele fez de *Cinema Orly* um livro de onde parece exalar o cheiro acre dos lugares de sexo anônimo, e pentelhos e línguas ávidas parecem poder saltar a cada virada de página. Nada chocante nem jamais escrito, entenda – tem, sim, uma cruza muito especial, que só se revela depois da primeira leitura,

quando o relevo de autor iniciante se suaviza.

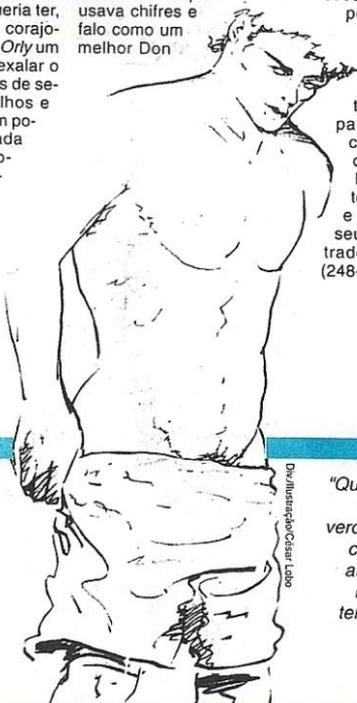
No disco, essa persona aparece de maneira mais poética e sedutora. Na cáustica e comovente *Vai querer?*, uma boa dose de crítica estóica ao capitalismo: "O mundo é dos comerciantes, por isso é que antes/ quando eu vendia alicates/ ganhava uns trocados arrancando uns dentes/ E agora preciso apertar uns parentes pra pagar as contas".

Sexo - A faixa *Incubos* – uma das letras que Luis já havia publicado em *Cinema Orly* – copta com a participação de Marcos Sacramento, cuja voz (aveludada à moda de Djevan; inevitável, mas não desabonadora comparação) serve de contraponto à dureza e mesmo "falta de voz" de Luis Capucho. Está lá: "Ontem veio me amar um incubo/ Estávamos na praia e ele era um sábio que usava chifres e falava como um melhor Don

juan.../ Como se já nos conhecêssemos ele me dominou/ Hável com chifres e membros/ nos amamos a noite inteira".

A vivência sexual desregrada nos anos 80 tornou Capucho soropositivo, realidade com a qual ele revelou, em entrevista ao *Folha*, conviver de maneira melhor a cada dia. Talvez seja disso que ele fala quando canta "Com isso era pra eu estar magoado, deprimido/ Mas não estou nada Luis/ Estou mais Cláudia, mais Lestat/ Eu resolvi me perdoar e com isso fiquei um pouco Caçuza/ Algo assim, algo assim".

No disco tem ainda o sax meio jazzy de *Fonemas*, o desdramatizado de *Bengalinha* e o romantismo sombrio de *Máquina de escrever*. Ney Matogrosso, Daúde e Pedro Luís e A Parede são outros que se interessaram pelas letras do rapaz e gravaram versões para suas músicas. Empolgado com a natação, que o fez descobrir aspectos mais interessantes em sua vida recente, Luis Capucho tem tempo e disposição para ser incluído entre os compositores brasileiros contemporâneos que utilizam sua arte para dar um testemunho de sua época e existência. Em Salvador, seu disco pode ser encontrado na São Rock Discos (248-1199).



Por ilustração de Oscar Lobo

"Quando adolescente, cheguei a ensaiar posturas masculinas com minha alma limpa. Mais tarde me misturei à languidez feminina e alimentei o propósito de ser bicha, embora detestasse ser identificado como tal na rua. Levá-lo, como dizem, me dava vontade de cometer assassinato. No *Orly*, não era uma bicha feminina nem masculina. Para mim, esse nada que eu era, a ausência de formação de imagens sensuais no meu espírito era a masculinidade, contribuía para ela meu corpo, minhas roupas, meus pêlos, minha voz."

"Quando eu era pequeno, conheci um rapaz lindo de vinte anos. Ele tinha umas pernas que eram verdadeiros pilares eróticos. Os pêlos de suas coxas, curvando-se todos para o lado, se encontravam atrás, numa linha negra que hoje me faz supor o risco no seu perineo, porque foi ali onde Deus terminou por último, deixando uma linha visível na última costura."

(Retirados do livro 'Cinema Orly')

FICHAS



Disco: *Lua singela*
Artista: Luis Capucho
Produção: Paulo Baiano
Gravadora: Astronauta Discos
Preço: R\$20 (em média)
Informações: (11) 3457-1590 ou (21) 2711-2787

■ ■ ■
Livro: *Cinema Orly*
Autor: Luis Capucho
Editora: Interlúdio
Preço: R\$20 (149 páginas)
Informações: (21) 2711-2787/
luiscapucho@ig.com.br



TRECHOS